

Fiedler, Leslie — *A volta do pele vermelha*, trad. de Georges Renard, ed. du Seuil, Paris, 175 p. (1)

A volta do pele-vermelha — em realidade a volta do americano “evanescente” (título original: *The return of the vanishing american*) se apresenta sob o signo da antropologia. Uma nota de agradecimento sugere um contato estreito com os índios (“Com os meus agradecimentos à tribo dos Blackfoot que me adotou”); a citação em epígrafe é Levi-Strauss — citação tocante (as dívidas, a ternura, o reconhecimento aos selvagens) mas onde o sentimento é “científico” (é tirada da aula inaugural do Collège de France, dia 5 de janeiro de 1960). O próprio autor confirma o caráter sério e rigoroso de sua obra numa nota prévia (“Com este livro se termina a longa incursão que, há vários anos, fiz no domínio da antropologia literária...” — sublinhado por nós), mas a ambiguidade da aproximação entre as duas palavras “antropologia” e “literária” introduz uma nuance no caráter “científico”, e nos anuncia o texto de apresentação na cobertura: “A atual volta do pele vermelha é um indício de que a América reencontra hoje a estrada real, mas escondida muito tempo, do mito, e é por ela que a nova geração de escritores e de cineastas vai à exploração do estranho território indígena que se estende no além da fronteira da esquisofrenia”.

Na realidade, as noções de ciência e de antropologia não se adaptam senão de maneira imperfeita à essa obra, pois se trata de uma reflexão sobre a literatura e sobre dados culturais americanos nos quais o contato com o índio está ausente. Não aprendemos nada sobre eles — temos apenas a visão, atual ou passada, do homem branco sobre os selvagens. Não se trata também de uma abordagem sistemática e completa dessa visão, mas seletiva, em função de uma demonstração subjacente.

A obra começa por uma espécie de constatação (capítulo “O demônio do continente”): o índio desaparecia de maneira progressiva e silenciosa, mas eis que bem recentemente êle se torna visível a seus próprios olhos (pelo movimento nacionalista indígena, por revoltas, às quais poderíamos acrescentar o caso recente de Wounded Knee), e reaparece como protagonista de uma nova literatura “artística” (e não “popular”), que faz “pendant” a um neo-western cinematográfico de qualidade (e não sérieB). A questão se pro-

---

(1) Resenha feita no quadro de um levantamento bibliográfico coletivo, para o curso de Marie Paule Bardet “les mythes du Western”, na Universidade de Provença, centro de Aix, ano de 1972/1973.

põe (e a forma de colocá-la indica já a resposta): que *valor* tem a distinção entre essas formas. E ainda, como definí-las?

“Bem raramente se assinalou até que ponto, na América, a geografia é mitológica. Desde os princípios, na literatura, o país se definiu pelos quatro pontos cardeais que tomaram então uma significação mítica: o Norte, o Sul, o Leste, o Oeste. Sòmente esta última direção dará nascimento a um termo novo que passou para a linguagem corrente: o western, mas poder-se-ia falar fàcilmente de um genero próprio ao norte (o “northern”), ao sul (o “southern”), ou a leste (o “eastern”) (pg. 16). Na primeira parte do livro (“Os quatro pontos cardeais”) Fiedler caracteriza ràpidamente êsses gêneros, antes de se atacar ao western. Notemos no comentário sobre o “eastern” (Hawthorne, Tennessee Willians, James, Baldwin, mas sobretudo Henry James), sua aversão profunda aos americanos “europeus”, aristocratas, de gosto refinado: “O primeiro dogma dêsse culto da “arte” era que se podia distinguir os “eleitos” da “plebe”, os que tinham “sensibilidade” dos que tinham couro espesso pelo fato de apreciar ou não certas obras e, em primeiro lugar, os romances de Henry James. Reconhece-se essas obras pelos seguintes sinais: 1.º — passam-se na Europa. 2.º — Cita-se em longas páginas títulos de obras de arte, mas com desenvoltura, como se nada fossem, de maneira que somente os iniciados as reconheçam na leitura, sem ajuda de notas de rodapé. 3.º — são escritas por americanos expatriados” (pg. 20).

Aqui temos o início do fio condutor (mas escondido) do livro. Trata-se de uma busca da “*essência*” americana, de uma colaboração à construção de um novo mito, à reparação do americano “evanescente”, como indica o título original. Mesmo se se trata de uma obra que quer ter um recuo (observação objetiva, científica), em relação a esses problemas ela se coloca ao lado de Barth ou de Borroughs, no interior da nova “grande” literatura (que aqui toma ares filosóficos) do neo-western, e que se opõe a valores não americanos.

Essa essência se encontra no oeste. Não no índio “primitivo” (cf. “Além do Oeste”, pg. 54), mas numa mistura de contactos, cujo produto será selvagem, violento, mas fecundo, e sobretudo promotor de mitos. Produto ambíguo, o western “sob sua forma arquetípica, é a história do encontro, em terras virgens e selvagens, entre um Americano branco, de origem anglo-saxã e puritana, mas transplantado, e de um outro, cuja estranheza é radical, o Índio. Encontro que leva, seja à metamorfose do puritano anglo saxão em alguém que não é nem cara pálida, nem pele vermelha (...), seja à aniquilação do índio (...)” (pg. 24). Esse lugar mítico já o era antes da sua existência real — na segunda parte do livro, “O mundo sem Oeste” o autor nos explica que a limitação européia à oeste (antes da descoberta da América) se constituía já em objeto de fascinação e curiosidade cuja existência era restituída pela imaginação: o mundo sem Oeste forja o mito do Oeste. Fiedler passa em revista as referências históricas, filosóficas e sobre-

tudo literárias à esse mundo desconhecido, terminando pela mais significativa: Shakespeare, particularmente *A Tempestade*, particularmente Calibã.

Depois de Shakespeare, o Oeste toma, historicamente, uma existência palpável. Mas ele havia tido o tempo de se formar enquanto mito, e êle vai aparecer primeiro como uma projeção que pouco a pouco se deforma, se precisa, para finalmente se revelar contradito ou negado. Um dos mitos que Fiedler detecta — a história de Pocahontas e do Capitão no passado. Opos-Fiedler detecta — a história de Pocahontas e do Capitão Smith, por exemplo, é, antes de tudo, um texto histórico nas memórias de Smith, ma ele se divulga “através do que dele fez a imaginação sentimental do começo do século XIX” (a constituição em mito), para terminar em derrisão (ou desmistificação) comas obras de Barth (*The Soot weed factor*, 1960), para se degradar inteiramente no romance de James Leo Helihiy, *Midright Cowboy*, onde Pocahontas é identificada a “um mestiço albino e pederasta cujo nome verdadeiro é Tombaby, mas que sua mãe chama de preferência “Princesa” (pg. 141). Por sua vez o capitão Smith sedegrada, se prostitui, em formas e nomes sucessivos (“De Gary Cooper à Lee Marvin”).

Não se trata aqui de descrever ou resumir os mitos e sua transformação (a mulher branca raptada pelos índios — “mito da mulher branca no tomahawk”, a amizade do branco e do pele vermelha — “mito dos alegres companheiros nas terras virgens e selvagens”; e o do “macho em fuga”, cujo arquétipo é Rip Van Winckle, da mesma maneira que Pocahontas é o arquétipo do “mito do amor no grande bosque”). Notemos apenas que, em relação a esses mitos, o néo-western tomou, como para Pocahontas/Smith, uma atitude satírica, “comentário irônico, grotesco, e por vezes terrificante sobre a genese do homem americano tal como o apresenta de ordinário a legenda oficial” (pg. 151). É uma atitude que destrói êsses mitos, revisão crítica que Fiedler parece julgar salutar, mas sômente enquanto tomada de posição, pois para êle a visão deve ser mais profunda: ela deve reencontrar os antigos mitos, para desvelar o “novo homem americano”: “Enquanto ficar satírico, o neo-western pode traduzir sob forma de desenho animado a legenda de John Smith ou de Pocahontas, mas precisamos hoje de uma revisão mais profunda, um neo-western que, sob forma de exploração onírica, reencontra a via real do mito do Oeste, nos conta a gênese desse homem novo que se situa hoje na orla do nosso mundo antigo” (pg. 151). Redescobrimos o fio condutor que se tinha manifestado no comêço pela recusa do “eastern”, do amor à Europa e à cultura do velho mundo como professava Henry James, e que se manifestava agora de maneira positiva como exigência e norma de uma expressão própria que desemboca sobre a constituição de um mito. Mas não se trata de uma volta ao “primitivismo” (ilusão sentimental de revolta contra os valores ocidentais por um apelo à pureza “bom selvagem”): todas as tentativas no interior da literatura, foram fracassos — segundo Fiedler, soam falso (et pour cause!) — trata-se de uma seleção parcial de um dos elementos do mito; o branco (autor) é paternalista e não se integra na luta, no mes-

mo nível que o índio — êle não o afronta. Mas como fazê-lo, num momento histórico onde não resta do Oeste senão resíduos (reservas, parques, montagens para turistas)? Por uma penetração na esfera do mito mesmo: “Ora, se existe ainda para a América terras selvagens, um lugar fora do tempo que possa ser o lugar da renovação e não o da nostalgia, é no futuro que é preciso ir buscar, na dimensão futura, e não no passado. Oposto à nostalgia fica a alucinação, e para designar o neo western, talvez possa-se, na falta de palavra melhor, empregar o termo ‘psicodélico’ ” (pg. 159). A droga, portanto, permitirá a “metamorfose da consciência” — o tema mais profundo do velho western autentico. Pela droga (que está enraizada no western autentico, pois foi descoberta e empregada pelos próprios índios), por outros elementos latentes dos antigos mitos (o homossexualismo, por exemplo, particularmente entre raças diferentes), pela sua transposição num mundo alienado (esquismo-frenia), chega-se a uma subversão *profunda*, pois ela é, ao mesmo tempo, constitutiva de um novo homem americano.

Esse “nacionalismo” que tem sua essência no Oeste, essa subversão/construção, fazem do livro de Fiedler mais um instrumento de ação que de conhecimento. Não que não se possa servir-se dêle para melhor conhecer, por exemplo, o Western cinematográfico: ao contrário, relevados os mitos, o tipo de preocupação se mostra revelador e significativo se introduzido num estudo dêsse gênero. Mas não sendo um livro “científico”, (um tratado de antropologia), as intenções vão mais longe: êle se dirige ao público americano, se quer reflexão e — no limite — solução. Nesse sentido, para o leitor estrangeiro, êle torna-se sintoma — ou exemplo.

Jorge Coli